

UM OLHAR SOBRE A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES E ALUNOS

VENÂNCIO, Maria Cezária Donadoni ¹ ; ROCHA, Beatriz ² ;
CONDÉ, Patrícia Peluso ³

¹ Graduação em Pedagogia - UNIFAGOC

² Graduação em Pedagogia - UNIFAGOC

³ Docente Pedagogia - UNIFAGOC



mariadonadoni@hotmail.com
beatriz_rocha99@outlook.com
patricia.conde@unifagoc.edu.br

RESUMO

Esta pesquisa teve como finalidade investigar e compreender a importância do brincar na Educação Infantil, na perspectiva de professores e alunos. Trata-se de pesquisa bibliográfica com aplicação de um questionário com questões fechadas para as professoras do segundo período de uma escola pública e uma privada e uma entrevista para os alunos. Os resultados obtidos neste estudo vão ao encontro do objetivo traçado, o que permite concluir que as professoras das duas escolas pesquisadas reconhecem a importância do brincar como agente facilitador na aquisição da aprendizagem, apesar de reconhecerem haver dificuldades na execução das brincadeiras. As crianças, por sua vez, foram unânimes ao concordarem sobre a importância do brincar, embora um número expressivo tenha afirmado que as professoras não fazem uso do lúdico em sala de aula.

Palavras-chave: Educação Infantil. Ludicidade. Jogos e brincadeiras.

INTRODUÇÃO

Brincar na Educação Infantil é fundamental, pois é na brincadeira que a criança vai descobrindo o mundo, desenvolve sua autonomia e cria sua própria identidade. Através da brincadeira, os pequenos aprendem a interagir, expor ideias, comunicar com os colegas e com o mundo. Além disso, o brincar promove o desenvolvimento físico, social, cultural, afetivo, emocional e cognitivo. Ao observar as crianças nas brincadeiras, percebe-se que, enquanto elas brincam, aprendem a socializar. Através do brincar, nota-se que os discentes tornam-se mais confiantes em relação aos docentes. “Brincar é a fase mais importante da infância – do desenvolvimento humano neste período – por ser a auto-ativa representação do interno – a representação de necessidades e impulsos internos.” (FRÖEBEL, 1912c, p.54-55).

Deve-se ressaltar ainda que, na escola, o brincar é muito produtivo nos anos iniciais, porém os adultos veem a brincadeira como algo prescindível. Embora a conexão do brincar e o educar seja tema de estudo desde os tempos greco-romanos, na Educação Infantil o brincar foi reconhecido como ferramenta pedagógica somente quando o alemão Fröebel criou o Jardim de infância. Alessandra Arce (2004) destaca:

Fröebel percebeu também, por meio desses jogos e brincadeiras, a grande força que os símbolos possuem para a criança. Assim Fröebelelegia a brincadeira e os brinquedos como mediadores tanto no processo de apreensão do mundo pela criança, por meio da interiorização, como também no processo de conhecimento de si mesma pela criança (autoconhecimento), por meio da exteriorização. (ARCE, 2004, p.15).

Segundo Kishimoto (2009), as principais brincadeiras utilizadas para aprendizagem da Educação Infantil são embasadas por teorias como a piagetiana, que propõe jogos para o estágio sensório-motor que impulsionam o movimento como, por exemplo, puxar carrinhos ou manusear chocalhos; já no estágio pré-operatório, com o surgimento da função simbólica, os brinquedos devem estimular a afetividade, tais como bonecas e bichinhos de pelúcia. No livro *Pedagogia dos jardins-de-infância*, Fröebel (1917) reforça essa ideia:

Muitas características humanas desenvolvem-se na criança pela sua brincadeira com a boneca, porque em razão disso sua própria natureza se tornará, em um certo tempo, objetiva e daí reconhecível para a criança e para os pensativos e observadores pais e babás. Daí se tornar visível mais tarde, através da e pela diferença espiritual, a diferença de vocação e vida entre o menino e a menina. O menino deslumbra-se com o brincar com a esfera e o cubo como coisas separadas e opostas, enquanto a menina ao contrário desde cedo se deslumbra com a boneca, o que intimamente une em si os opostos da esfera e do cubo. O significado interno deste fato é que o menino pressente cedo e sente seu destino – comandar a e penetrar na natureza externa – e a menina antecipa e sente seu destino – cuidar da natureza e da vida. Isso aparece um pouco mais tarde. Assim como a união do esférico e do angular é, especialmente para a garota, uma boneca, uma criança de brincadeira, da mesma forma a régua da mãe, ou a bengala do pai são, para o garoto, um cavalo, um cavquinho de pau. O último expressa o destino masculino do garoto, aquele de dominar a vida; o primeiro expressa o destino feminino da menina, de cuidar da vida. (FRÖEBEL, 1917, p. 93).

Kishimoto (2009) também relata que jogos despertam curiosidade, competição, interesse em se comunicar e expressar ideias e pensamentos; paralelamente, as crianças precisam de movimento para viver. O brincar pode e deve ser um ato que vai além da diversão. A brincadeira é a forma de comunicação da criança e, quando inserida da forma correta no cotidiano estudantil, ajuda no desenvolvimento de novas habilidades. Moura e Silva (2005) afirmam:

As atividades lúdicas podem ser um recurso para o treino da funcionalidade e independência da criança. “Ser funcional, é ser prático, ou seja, realizar atividades; mover-se... Sendo assim devemos usar o que é mais importante para a criança; que é o brincar. (MOURA; SILVA, 2005, p. 3).

Na educação contemporânea, o objetivo do educador é ministrar um ensino que respeite os conhecimentos e experiências prévias dos alunos e seja, portanto, uma

educação participativa. O docente não educa sozinho. Os responsáveis pela criança, os profissionais da educação, o entorno social, todos fazem parte da educação. O primeiro passo do ensino é a descoberta do que o aluno gosta, de suas preferências. O brincar é um excelente e envolvente método para analisar e conhecer o comportamento da criança. Através do brincar, a criança mostra saberes e interesses, o que pode servir de embasamento para um planejamento pedagógico que seja efetivo. De acordo com o Referencial Curricular da Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998, p. 23),

[...] educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

Diante do panorama traçado, este estudo busca saber: qual o significado das brincadeiras na perspectiva de docentes e discentes do segundo período da Educação Infantil de uma escola pública e uma privada? Quais medidas devem ser adotadas para o brincar tornar-se parte integrante do processo de aprendizagem na Educação Infantil?

Este trabalho tem como objetivo analisar o brincar na Educação Infantil na perspectiva do professor e do aluno de uma escola pública e uma escola particular. Em turmas de segundo período da Educação Infantil, as crianças têm entre quatro e cinco anos e as duas turmas - tanto da escola privada como da pública - são no turno da tarde.

A Educação Infantil foi definida como ponto focal do estudo, pois é uma fase em que o brincar se torna de extrema importância para a criança. De acordo com Vygotsky (1988), nesse período o brincar consegue tomar grande espaço na vida da criança, fazendo-se uma atividade que pode conduzir para outro nível de evolução.

Este estudo é de natureza quali-quantitativa e foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica e aplicação de questionário.

Foi aplicado um questionário aos professores e realizada uma entrevista com os alunos das turmas estudadas em uma escola privada da cidade de Ubá-MG, e em uma escola pública, localizada na cidade de Guidoal-MG.

REFERENCIAL TEÓRICO

No século XIV, as crianças não tinham o hábito de brincar, visto serem consideradas adultos em miniatura, segundo o pesquisador francês Philippe Ariès (1981). Ao se analisar a história da infância, percebe-se que a concepção relacionada à criança e à própria infância toma forma somente a partir do século XV. "A "descoberta" da infância teria de esperar pelos séculos XV, XVI e XVII, quando então se reconheceria que as crianças precisavam de tratamento especial, "uma espécie de quarentena", antes que pudessem

integrar o mundo dos adultos” (HEYWOOD, 2004, p. 23).

Sarmento (2007) relata que no decorrer dos tempos a criança é vista como invisível no olhar dela. Sua história é contada sob a visão do adulto e não da dela. Isso se dá pelo fato de a criança não se expressar por meio da fala, como confirma Lajolo (2006):

[...] por não falar, a infância não se fala e, não se falando, não ocupa a primeira pessoa nos discursos que dela se ocupam. E, por não ocupar esta primeira pessoa, isto é, por não dizer eu, por jamais assumir o lugar de sujeito do discurso, e, conseqüentemente, por consistir sempre um ele/ela nos discursos alheios, a infância é sempre definida de fora. (LAJOLO, 2006, p. 230).

Com o passar do tempo, entretanto, o conceito de infância foi modificado. “Somente em épocas comparativamente recentes veio a surgir um sentimento de que as crianças são especiais e diferentes, e, portanto, dignas de serem estudadas por si sós” (HEYWOOD, 2004, p.10).

Surgiu, então, o reconhecimento da infância como um período de construção de conhecimentos, que é fruto de um trabalho de criação, significação e ressignificação; e o brincar passou a ser valorizado, tanto pelos professores quanto pelos pais; com isso, a brincadeira e a ludicidade adquiriram valor no ambiente escolar.

De acordo com Smith (2006, p. 25), “o brincar frequentemente é visto como o oposto do trabalho - uma atividade realizada por si mesma, sem limitações externas”. O autor, entretanto, complementa dizendo que “o brincar, na verdade, é o trabalho da criança e o meio pelo qual ela cresce e se desenvolve” (SMITH, 2006, p. 29).

É inquestionável a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil. Ela está inserida na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017), sendo um dos seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento da criança, elencados a seguir: 1. Conviver; 2. Brincar; 3. Participar; 4. Explorar; 5. Expressar; e 6. Conhecer-se.

O brincar é tão importante para a criança na Educação Infantil, que o Referencial Curricular para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 23) estabelece:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL, 1998).

O lúdico ajuda no desenvolvimento, pois auxilia na concepção do pensamento, liberdade e imaginação. No ponto de vista das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 2010, p. 25-27), as propostas voltadas para o segmento devem ter, como eixos norteadores das práticas pedagógicas dos professores com as crianças, as interações e a brincadeira, pois tais atividades ampliam experiências expressivas, corporais e sensórias (BRASIL, 2010)

Independentemente da época, cultura ou classe social, o brincar faz parte da vida das crianças, pois elas vivem em um mundo de fantasias, onde a realidade e o faz-de-conta se confundem. De acordo com Referenciais Curriculares da Educação Infantil (BRASIL, 1998), brincar funciona como um cenário no qual as crianças tornam-se capazes não só de imitar a vida como também de transformá-la.

O brincar, além de proporcionar prazer à criança, promove seu desenvolvimento por meio de diferentes estímulos e, através da socialização trabalhada durante as brincadeiras, a criança começa a amadurecer social, psicológica e afetivamente. O brincar permite aos pequenos uma explosão de sentimentos e possibilita que explorem e aprendam com essas diferentes emoções. Segundo Vectore (2003, s/p):

Contribuições sobre a relevância do brincar e suas manifestações para o adequado desenvolvimento e aprendizagem na infância têm mobilizado esforços dos mais diversos estudiosos e produzido uma ampla literatura internacional e nacional, quanto à pertinência de sua utilização em diferentes contextos educativos.

Diante disso, o currículo da Educação Infantil deve ser analisado para que se adeque ao aluno, visto que cada um deles tem dificuldades e necessidade diferentes, o que faz com que haja a necessidade de um currículo bastante flexível. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 2010, p.18), a proposta pedagógica deve ter o objetivo de garantir à crianças direitos a processos de articulação de conhecimentos, apropriação, renovação e também direitos à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças (BRASIL, 2010).

Na infância, o brincar é visto como uma das atividades mais importantes nas primeiras fases, pois é nas brincadeiras que as crianças expressam o que vivem e sentem. A brincadeira tem que ser considerada algo sério e essencial para o desenvolvimento infantil, porque é através dela que a criança exterioriza seus medos, problemas e angústias.

Brincar de forma livre e prazerosa permite que a criança seja conduzida a uma esfera imaginária, um mundo de faz de conta consciente, porém capaz de reproduzir as relações que observa em seu cotidiano, vivenciando simbolicamente diferentes papéis, exercitando sua capacidade de generalizar e abstrair. (MELO; VALLE, 2005, p. 45).

O interessante do brincar é que pode ser tanto individual como em grupo. Não precisa ter necessariamente restrições, podendo propiciar à criança mais liberdade, fazendo com que ela mesma crie seu modo de brincar, tendo regras ou não. Piaget (1971, p. 67) diz que "quando brinca, a criança assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois a sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui".

Ao dizer que o brincar é a fase mais significativa do desenvolvimento da criança,

Vygotsky (1988) atesta que é a atividade mais pura do ser humano nesse estágio, pois proporciona alegria, liberdade, contentamento interno e descanso externo, além de paz com o mundo. Segundo o autor, uma criança que brinca por toda parte, com determinação e perseverança, será um homem determinado capaz de tudo para assegurar esse bem-estar a si próprio e aos outros. Brincar, nesse estágio da vida, não é algo trivial, é altamente sério e significativo.

Através de atividades lúdicas, as crianças se distraem, aprendem, socializam, interagem com o mundo. Precisa-se olhar o brincar com a importância que deve ter, pois as brincadeiras nos anos iniciais são o ponto de partida para o ensino e aprendizagem dos pequenos e é com tais brincadeiras que se promove o desenvolvimento integral infantil.

METODOLOGIA

Este estudo é de natureza quali-quantitativa e foi realizado através de pesquisa bibliográfica e aplicação de questionário. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Segundo Fonseca (2002, p. 20), “a pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta entre pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente”.

Optou-se pela realização de pesquisa bibliográfica, a qual, segundo Boccato (2006), busca, por meio de referenciais teóricos publicados, analisar opiniões de diferentes autores. A pesquisa trará uma contribuição para o conhecimento sobre o que já foi pesquisado e é importante que o pesquisador realize planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Simultaneamente à pesquisa bibliográfica, foi aplicado um questionário, com questões fechadas, nas duas escolas (municipal e privada) para as professoras e uma entrevista foi realizada com os alunos das turmas do 2º período da Educação Infantil.

O questionário e a entrevista foram direcionados a professores e alunos das turmas pesquisadas. Em uma pesquisa científica, o questionário é uma forma de coletar dados. Segundo Gil (1999, p. 128), trata-se de uma “técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”.

A entrevista, por sua vez, é assim descrita por Ribeiro (2008, p. 141):

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

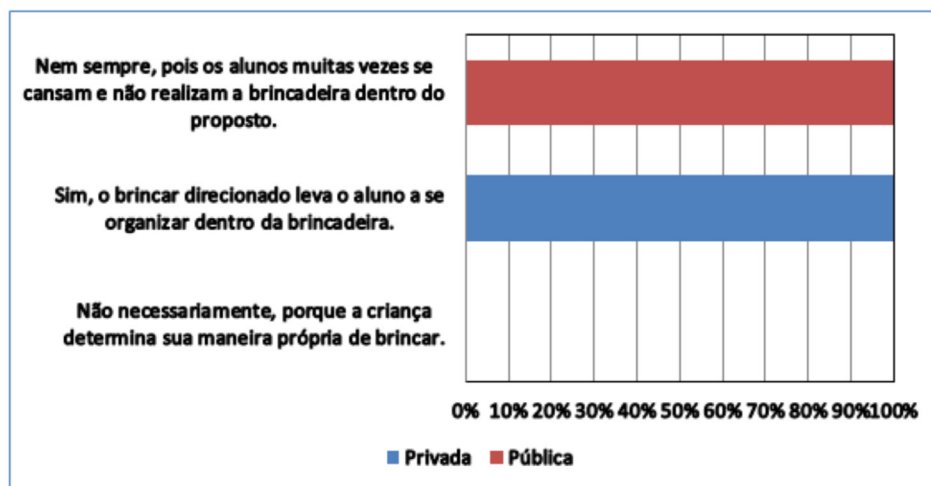
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscando atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, aplicou-se um questionário quantitativo com 10 questões para professoras da rede pública e privada, as quais lecionam em turmas do 2º período; com os alunos das referidas turmas, foi realizada uma entrevista qualitativa com 6 perguntas. As professoras entrevistadas são do sexo feminino, uma delas com 50 anos e a outra, com 32 anos, ambas graduadas em Pedagogia.

A primeira pergunta buscou saber se as professoras fazem uso do brincar no desenvolvimento de seu planejamento. Verificou-se que 100% das entrevistadas utilizam brincadeiras no desenvolvimento das atividades, o que vai ao encontro do pensamento de Kishimoto (2002), segundo o qual a brincadeira é muito importante para desenvolver atividades nessa faixa etária.

Em sua totalidade, as professoras afirmam que o brincar contribui para o desenvolvimento da criança na pré-escola, pois, através delas, os pequenos aprendem a interagir com o meio em que vivem. De acordo com Horn (2004, p. 28), "é no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções; nessa dimensão, o espaço é entendido como algo conjugado ao ambiente e vice-versa." Já Oliveira (2000, p.158) relata que a influência do meio através da interação possibilitada por seus elementos é contínua e penetrante. As crianças e ou os usuários dos espaços são os verdadeiros protagonistas da sua aprendizagem, na vivência ativa com outras pessoas e objetos, o que possibilita descobertas pessoais num espaço onde será realizado um trabalho individualmente ou em pequenos grupos.

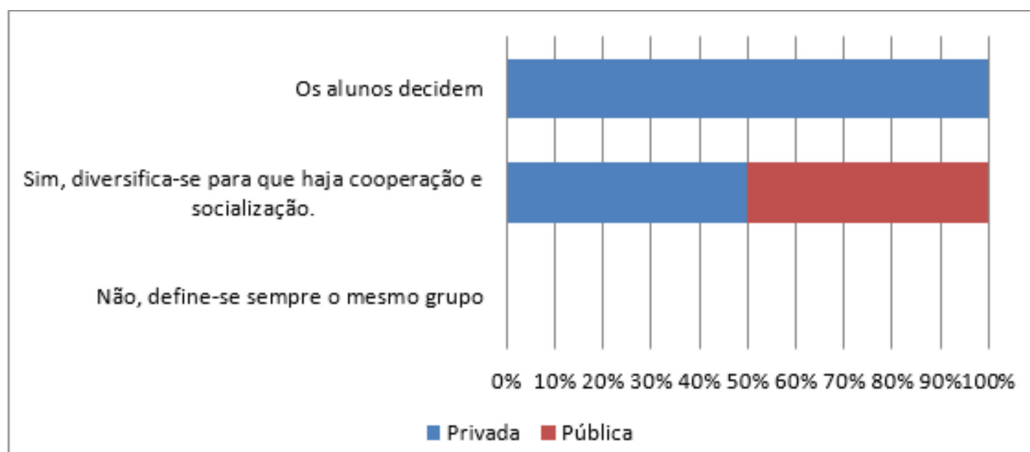
Figura 1: Com a brincadeira direcionada, você consegue atingir o objetivo proposto dentro do planejado?



Fonte: Professoras das escolas estudadas, 2020.

Como pode ser observado na Figura 1, as professoras discordam em relação a conseguirem atingir o objetivo proposto dentro do planejado. Para a docente da escola privada, o brincar direcionado leva, sim, o aluno a se organizar dentro da brincadeira; já para a docente da escola pública, nem sempre isso acontece, pois muitas vezes o aluno se cansa e não realiza a brincadeira dentro do tempo e assunto propostos. Independentemente de os objetivos serem alcançados, é importante que a ludicidade prevaleça nas propostas pedagógicas, para que os discentes internalizem o conhecimento de forma prazerosa.

Figura 2: Na organização da brincadeira em grupo, você costuma socializar as equipes?



Fonte: Professoras das escolas estudadas, 2020.

De acordo com a Figura 2, os professores costumam diversificar os grupos para que haja socialização; entretanto, a professora da escola privada relatou permitir, esporadicamente, que as próprias crianças decidam suas equipes. O ideal é que haja a diversificação, pois, de acordo com Kishimoto (2010), a criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças ou até mesmo com adultos. Ela descobre, em contato com objetos e brinquedos, certas formas de uso desses materiais. Observando outra criança e as intervenções da professora, ela aprende novas brincadeiras e suas regras. Depois que aprende, pode reproduzir ou recriar novas brincadeiras.

A pergunta seguinte questionou se as docentes costumam planejar as brincadeiras que serão desenvolvidas durante suas aulas e, apesar de 100% das entrevistadas afirmarem que geralmente realizam esse planejamento, elas também afirmaram que, às vezes, as brincadeiras acontecem quando surge oportunidade. As respostas das professoras demonstram que o brincar não ocorre apenas em momentos planejados, mas sempre que possível, o que é um ponto muito positivo. Para Vygotsky (1988), no brincar acontecem as maiores aquisições de uma criança e são as brincadeiras que formarão a base para a compreensão da realidade e formação de conceitos morais.

Em seguida, o questionário procurou investigar a disponibilidade de espaço para o desenvolvimento de jogos e brincadeiras e, novamente, 100% das entrevistadas relataram que existe espaço suficiente para se realizar as atividades lúdicas, o que demonstra que as instituições escolares voltadas à Educação Infantil têm consciência da importância de possuírem uma área apropriada ao desenvolvimento do brincar, visto que é através das brincadeiras que os discentes internalizam os saberes. Para Queiroz (2003), no momento em que criança brinca, a aprendizagem acontece, porque a aprendizagem é a construção do conhecimento.

Quando questionadas sobre a importância das brincadeiras para as crianças da Educação Infantil, 100% das professoras afirmaram que a brincadeira é de grande importância, ideia essa sustentada por Macedo (2005, p. 87) quando afirma:

Brincar é envolvente, interessante e informativo. Envolvente porque coloca a criança em um contexto de interação em que suas atividades físicas e fantasiosas, bem como os objetos que servem de projeção ou suporte delas, fazem parte de um mesmo contínuo topológico. Interessante porque canaliza, orienta, organiza as energias da criança, dando-lhes forma de atividade ou ocupação. Informativo porque, nesse contexto, ela pode aprender sobre as características dos objetos, os conteúdos pensados ou imaginados.

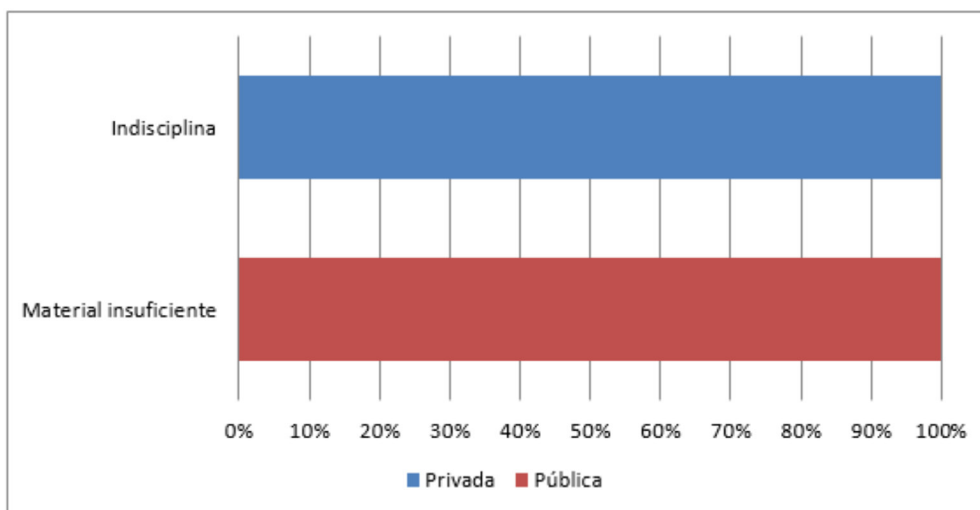
Em consonância com Macedo (2005), Oliveira, (2000, p. 101) destaca que “no brincar, as crianças vão também se constituindo como agentes de sua experiência social, organizando com autonomia suas ações e interações, elaborando planos e formas de ações conjuntas, criando regras de convivência social e de participação nas brincadeiras”.

Ao serem perguntadas se costumam brincar com os alunos, 100% das entrevistadas

responderam afirmativamente, o que é bastante positivo, pois esse momento é de grande importância na construção do aprendizado da criança. De acordo com Silva (2004, p. 26):

Ensinar por meio de jogos é um caminho para o educador desenvolver aulas mais interessantes descontraídas dinâmicas, podendo competir em igualdade de condições com os inúmeros recursos a que o aluno tem acesso fora da escola, despertando ou estimulando sua vontade de frequentar com assiduidade a sala de aula e incentivando seu envolvimento no processo ensino e aprendizagem, já que aprende e se diverte, simultaneamente.

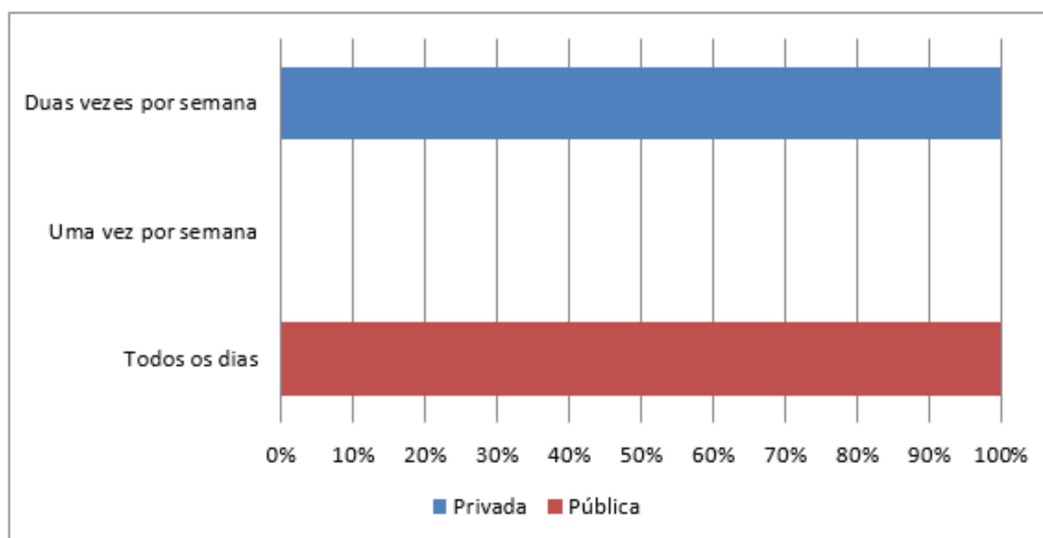
Figura 3: Quais as dificuldades encontradas para trabalhar o lúdico em sala de aula?



Fonte: Professoras das escolas estudadas, 2020.

Em relação às dificuldades de se trabalhar o lúdico em sala de aula, as entrevistadas divergiram em suas repostas: para 50%, os materiais disponíveis na escola são insuficientes e para os outros 50%, a indisciplina dos alunos em sala dificulta esse tipo de trabalho. Esse é um tópico preocupante, visto que, de acordo com a visão de Marinho (2007, p. 91) em relação ao trabalho com atividades lúdicas em sala de aula, “a escola deve priorizar, em seu projeto político pedagógico, o desenvolvimento de atividades que privilegiem o lúdico. Os educadores, por sua vez, no espaço da sala de aula, devem fazer da ludicidade um dos principais eixos norteadores de sua prática pedagógica”.

Figura 4: Com que frequência os jogos e brincadeiras são trabalhados na pré-escola durante as aulas?



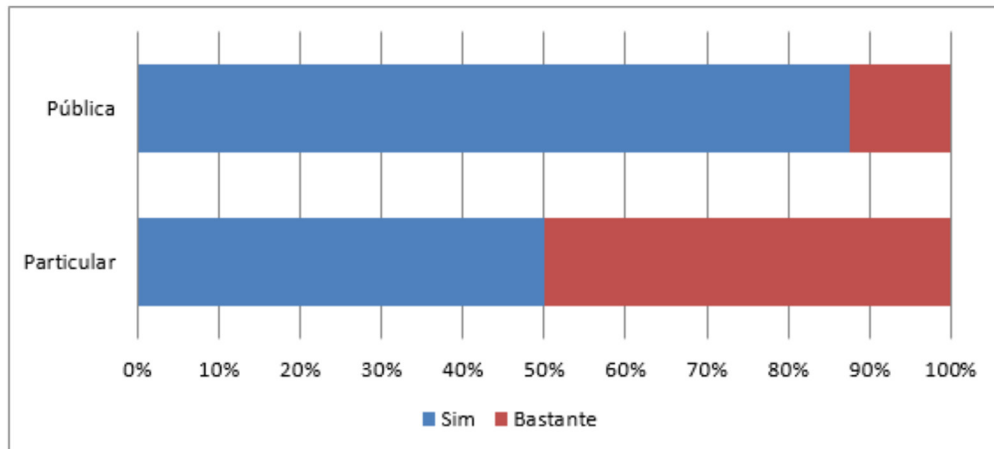
Fonte: Professoras das escolas estudadas, 2020.

A observação da Figura 4 revela um dado preocupante no que diz respeito à frequência com que os jogos e brincadeiras são utilizados nas turmas pesquisadas. Se, por um lado, na escola pública eles são usados todos os dias, na escola privada as atividades lúdicas são trabalhadas somente duas vezes na semana, o que pode prejudicar a construção da aprendizagem nos discentes. Kishimoto, em seu livro “Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação” (2010, p. 42) assevera:

A utilização do jogo potencializa a exploração e a construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico, mas o trabalho pedagógico requer a oferta de estímulos externos e a influência de parceiros, bem como a sistematização de conceitos em outras situações que não jogos.

A seguir, serão apresentados os dados obtidos na entrevista realizada com os alunos do 2º período das duas escolas pesquisadas. A entrevista compõe-se de seis perguntas, elaboradas no aplicativo Google Forms e enviadas por WhatsApp às famílias para que as crianças respondessem.

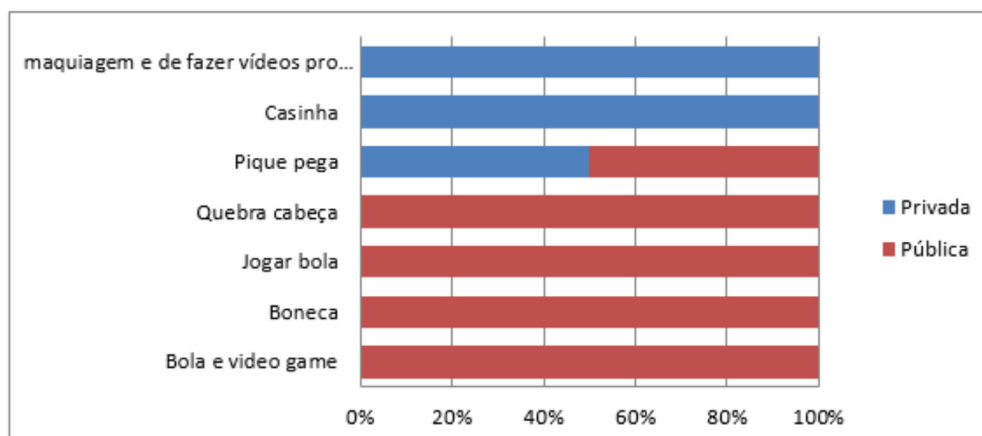
Figura 5: Você gosta de brincar?



Fonte: Alunos das escolas estudadas, 2020.

Ao serem questionados se gostam de brincar, 50% dos entrevistados da escola privada disseram que sim e outros 50% relataram que gostam bastante. Já na escola pública, 90% disseram que sim e 10% afirmaram gostar bastante. Percebe-se que todas as crianças gostam de brincar e isso é importante, pois elas se desenvolvem, socializam, expressam seus sentimentos. De acordo com Kishimoto (2002), brincar é a fase mais importante do desenvolvimento humano. Por ser a autoativa representação do interno, ocorre a externalização de necessidades e impulsos internos. Fica claro, então, que o brincar para a criança não é apenas uma questão de diversão, mas também de educação, construção, socialização e desenvolvimento de suas potencialidades.

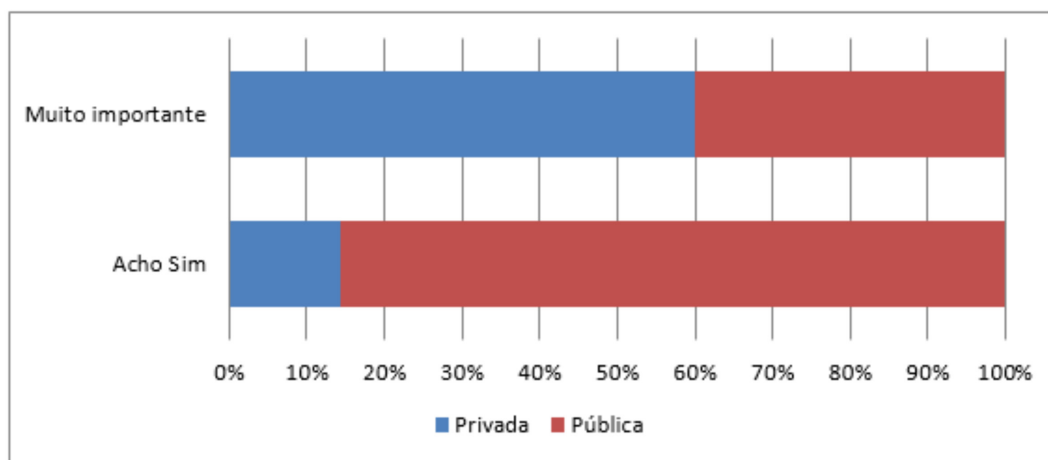
Figura 6: Do que mais gosta de brincar?



Fonte: Alunos das escolas estudadas, 2020..

Em relação às preferências no brincar, revela-se que as brincadeiras de que eles mais gostam diferem bastante: as crianças da escola pública demonstraram maciça preferência por brincadeiras “tradicionais”, como pique pega, boneca e bola, enquanto as crianças da escola privada disseram gostar de fazer maquiagem e brincar de casinha. O brinquedo faz parte da infância e está atrelado ao brincar. Segundo Silva (2004), pode-se dizer também que o brinquedo é uma produção cultural da criança: no momento da brincadeira, a criança faz de qualquer objeto seu brinquedo, ela o cria e recria de acordo com sua imaginação, com sua brincadeira e contexto. Dessa forma, deve-se deixar a criança livre para escolher o seu brinquedo, a sua brincadeira, pois ela irá utilizar esse momento para se expressar e desenvolver a sua própria imaginação.

Figura 7: Acha que é importante a brincadeira?



Fonte: Alunos das escolas estudadas, 2020.

Quanto à importância da brincadeira, todas concordaram, com um pouco mais de ênfase por parte dos alunos da escola privada. A brincadeira é muito importante, pois é através dela que a criança toma novas decisões, é brincando que a criança explora o mundo ao seu redor. Nesse aspecto, afirma Kishimoto (2010):

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver. (KISHIMOTO, 2010, p. 1).

Quando perguntados em relação às professoras brincarem com eles, os alunos emitiram opiniões diferentes: para 75% dos alunos da escola pública, a professora faz brincadeiras com a classe; 12,5% dizem que isso acontece às vezes; e os demais 12,5% afirmam que sua professora não faz brincadeiras, somente escreve. Na escola privada, 50% responderam afirmativamente; os demais relataram que isso só acontece às vezes. É importante que os professores se mantenham conectados a seus alunos e, sempre que possível, brinquem com eles; a presença dos professores precisa ser lúdica, pois é a ludicidade que vai favorecer as trocas de saberes.

Brincar implica troca com o outro, trata-se de uma aprendizagem social. Nesse sentido, a presença do professor é fundamental, pois será ele quem vai mediar as relações, favorecer as trocas e parcerias, promover a interação, planejar e organizar ambientes instigantes para que o brincar possa se desenvolver. (BRASIL, 2005, p. 50).

A pergunta seguinte buscou saber se as professoras permitem que as crianças escolham as brincadeiras. As respostas revelaram que, na escola pública, as professoras deixam as crianças mais à vontade para realizarem essa escolha; por outro lado, 70% dos alunos da escola privada afirmaram que não lhes é permitida essa escolha. Deve-se, sempre que possível, dar autonomia aos pequenos para escolherem suas brincadeiras, pois isso promove a independência e foge a um padrão. Lisboa (2011, p. 1) alega que “[...] é dever do professor mudar os padrões de conduta em relação aos alunos, deixando de lado os métodos e técnicas tradicionais acreditando que o lúdico é eficaz como estratégia do desenvolvimento na sala de aula”.

Ao serem questionados se preferem brincar sozinhos ou com os coleguinhas, 100% dos alunos entrevistados afirmaram preferir brincar com os colegas a sozinhos. Um dos fatores importantes de as crianças brincarem juntas é a troca de saberes; ao interagirem, elas trocam experiências e socializam. Para Wajskop (2012, p. 37), “na brincadeira, as crianças podem pensar e experimentar situações novas ou mesmo do seu cotidiano, isentas das pressões situacionais”.

A brincadeira está condicionada ao ambiente em que acontecem e, nesse ambiente, a criança tem que sentir liberdade, pois é através do brincar que elas se situam socialmente e desenvolvem novas aprendizagens, constroem relações umas com as outras, criam regras de organização e de convivência.

CONCLUSÃO

Ao final deste estudo, com embasamento nas respostas obtidas por meio dos questionários e entrevistas, pode-se concluir que o brincar é, de fato, atividade de extrema importância na vida da criança. Percebe-se que as professoras têm ciência de que jogos e brincadeiras contribuem para o desenvolvimento infantil na pré-escola e através deles os alunos aprendem a interagir com o meio em que vivem. As crianças, por sua vez,

mesmo não entendendo a importância e a contribuição do brincar em seu processo de desenvolvimento, também atribuem grande importância à ludicidade em seu dia a dia.

A brincadeira está inserida na BNCC (BRASIL, 2017) como um dos seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Apesar de as professoras relatarem haver, em alguns momentos, dificuldade para trabalhar o lúdico devido à falta de material ou indisciplina, todas elas concordam em relação à importância do brincar na rotina da Educação Infantil.

Os resultados obtidos neste estudo vão ao encontro dos objetivos traçados, que visavam a comprovar que é preciso olhar o brincar com a importância que deve ter, pois as brincadeiras na Educação Infantil são o ponto de partida para o ensino e aprendizagem dos pequenos e é com tais brincadeiras que se promove o desenvolvimento integral infantil. Para tanto, deve-se organizar e manter um currículo flexível, pois uma sala de aula lúdica torna-se mais harmoniosa e prazerosa para as crianças fazendo com que elas aprendam brincando no seu dia a dia.

REFERÊNCIAS

- ARCE, Alessandra. O jogo e o desenvolvimento na teoria da atividade e no pensamento educacional de Friedrich Froebel. Cad. CEDES, Campinas, v. 24, n. 62, 2004.
- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, 1998, v. 2.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: maio 2018.
- BRASIL. Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil – PROINFANTIL. (Orgs.) Karina Rizek Lopes, Roseane Pereira Mendes, Vitória Líbia Barreto de Faria. Brasília/MEC/SEB/SEED, v. 2, unidade 5, 2005.
- FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FROEBEL, Friedrich. Letters to a mother on the philosophy of Froebel. Harris, W.T. (ed.) New York/London: D. Appleton and Company, 1912.
- FROEBEL, Friedrich. Pedagogia do jardim de infância. Traduzido por Josephine Jarvis. Nova York: Appleton, 1917.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HORN, Maria da Graça de Souza. Sabores, cores, sons, aromas. A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HEYWOOD, Colin. Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KISHIMOTO, T. M. O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, 2002.

KISHIMOTO, Tizuko. Brincar é diferente de aprender. Portal do Professor, 27 abr. 2009, ed. 18 – Brinquedos Educativos.

KISHIMOTO, T. M. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. Anais do I Seminário Nacional: Currículo Em Movimento – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, nov. 2010.

KISHIMOTO, T. M. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2010.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, M. C. (Org.). História social da infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006.

LISBOA, M. A importância do lúdico na aprendizagem com o auxílio dos jogos. Revista Eletrônica de Educação, ano V, n. 09, jul./dez. 2011. Disponível em: http://www.unifil.br/portal/arquivos/publicacoes/paginas/2012/1/413_544_publipg.pdf. Acesso em: jul. 2013.

MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sicoli; PASSOS, Norimar Christie. Os jogos e o lúdico na aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MARINHO, Herminia Regina Bugeste. Pedagogia do movimento universo lúdico e psicomotricidade. 2. ed. Curitiba: IBPEX, 2007.

MELO, Luciana; VALLE, Elizabeth. O brinquedo e o brincar no desenvolvimento infantil. Psicologia Argumento, Curitiba, v. 23, n. 40, p. 43-48, jan./mar.2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, E. W.; SILVA, P. A. C. Aspectos clínicos e práticos da reabilitação. São Paulo: Artes Médicas, 2005. OLIVEIRA, Andrea Aparecida Brilhante de. A importância da brincadeira na educação infantil. Monografia - Universidade Tecnológica do Paraná. Questionário. Medianeira, 2013.

OLIVEIRA, Vera Barros de. O brincar e a criança do nascimento aos seis anos. Petrópolis: Vozes, 2000.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

QUEIROZ, T. D. Dicionário prático de pedagogia. São Paulo: Rideel, 2003.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio 2008.

SARMENTO, M. J. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, Vera M. R.; SARMENTO, Manuel Jacinto. (Orgs). Infância (in)visível. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007, p. 25-53. SILVA, M. Jogos educativos. Campinas: Papirus, 2004.

SILVA, R.C. Brinquedo. In: GOMES, C. L. (Org.) Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte, MG: Autêntica,

2004. p. 25-29.

SMITH, Peter. O brincar e os usos do brincar. In: MOYLES, Janet R. et al. A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais. trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese - Porto Alegre: Artmed, 2006.

VECTORE, Celia. O brincar e a intervenção mediacional na formação continuada de professores de educação infantil. Psicologia, USP, v. 14, n. 3, São Paulo, 2003.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WAJSKOP, Gisela. Brincar na educação infantil: uma história que se repete. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.